



A GALERIA DE PRESIDENTES DA ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE MEDICINA (ABM): LUGAR DE MEMÓRIA

*THE GALLERY OF PRESIDENTS OF THE BAHIANA ASSOCIATION OF MEDICINE (BAM):
PLACE OF MEMORY*

Tassila Oliveira Ramos

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA). Arquivista do Instituto Federal da Bahia (IFBA)

Silvana Pereira da Silva

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA). Designer.

RESUMO: Este estudo é fruto de uma pesquisa que subsidia a criação do Centro de Memória da Associação Bahiana de Medicina (ABM). Nesta fase inicial, faremos um breve panorama da trajetória da Associação Bahiana de Medicina (ABM), contextualizando a importância dos seus acervos, especificamente o da Galeria de Presidentes, como lugar de memória e espólio da saúde do Estado da Bahia. A partir das reflexões do estudo teórico-descritivo de um sítio memorial, por conter memória materializada, comprovada e registrada de personalidades importantes de relevância social e coletiva.

Palavras-Chave: Memória. Lugares de memória. Galeria. Medicina. Associação Bahiana de Medicina.

ABSTRACT: This study is the result of research that supports the creation of the Memory Center of the Bahiana Association of Medicine (ABM). In this initial phase, we will give a brief overview of the trajectory of the Bahiana Association of Medicine (ABM), contextualizing the importance of its collections, specifically that of the Gallery of Presidents as a place of memory and a collection of health in the State of Bahia. Based on the reflections of the theoretical-descriptive study of a memorial site as it contains materialized proven and registered memory of important personalities of social and collective relevance.

Keywords: Memory. Memory places. Gallery. Medicine. Bahiana Medical Association.

1 INTRODUÇÃO

As pessoas, instituições, empresas e organizações produzem, ao longo do tempo de suas existências, uma vasta quantidade de informações. Esses conjuntos informacionais das pessoas, famílias, instituições, empresas e organizações são também conhecidas como

memória. Quando são exteriorizadas através dos suportes para registro, sem tratamento técnico, sem organização e difusão, possuem grandes possibilidades de serem esquecidas.

Na contemporaneidade, para evitar o esquecimento e garantir a preservação da memória, consagra-se “lugares” com o papel de guardião dos registros e conseqüentemente da memória, e para isso são necessários diversos mecanismos de lembrança, recuperação e preservação da memória.

Para Nora (1993, p. 7), “fala-se tanto em memória, porque ela não existe mais”, pois não há memória espontânea, e daí nascem os “lugares de memória”, como monumentos, arquivos, bibliotecas, museus, entre outros, como as galerias, nosso objeto de estudo.

A proliferação de espaços assim começou a surgir na sociedade, e na Associação Bahiana de Medicina (ABM) não foi diferente. A Associação Bahiana de Medicina (ABM), fundada em 11 de outubro de 1942, é uma entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, federada à Associação Médica Brasileira (AMB). Tem como finalidade atuar na promoção dos interesses profissionais de seus associados no âmbito ético, científico e econômico, bem como da valorização e da qualidade de vida dos seus associados (SILVA, S. P.; SILVA, R. C. M.; SILVA, S. M., 2017).

Além da valorização dos seus associados, a ABM valoriza os responsáveis pelo seu engrandecimento como forma de reconhecimento, cria galerias, como a Galeria de Benfeitores e a Galeria de Presidentes. Mesmo que esses lugares tenham em seus objetivos de criação a homenagem, a comemoração, são lugares de interdição do esquecimento, na acepção de Pierre Nora (1993), “lugares de memória”.

Destarte, o objetivo deste artigo é apresentar as possibilidades de categorizar um lugar estático e monumental, como a Galeria de Presidentes da ABM, em um lugar dinâmico e importante para difusão da memória dos seus presidentes, mas também a memória da associação e, conseqüentemente, a memória da Medicina da Bahia e do Brasil por meio de conhecimentos da ciência da informação (CI) e das tecnologias da informação e comunicação (TIC).

2 MEMÓRIA E OS LUGARES DE MEMÓRIA

A limitação da memória humana levou o homem a buscar artifícios para evitar o esquecimento e, desde muito cedo, recorreu à exteriorização da memória. Essa exteriorização vai permitir a transmissão da memória individual, coletiva e social.

Segundo o historiador francês Jacques Le Goff (2013), nas sociedades sem escrita da Antiguidade, a memória era transmitida através da informalidade, sem haver materialização; havia especialistas da memória, “homens-memória”, mas essa função também era realizada por chefes de família, idosos, sacerdotes, e através deles, reconhecia-se o importantíssimo papel de manter a coesão do grupo através da memória oral.

Em seguida, o advento da escrita mudou profundamente a forma de transmissão da memória, as memórias externas, através dos suportes, como as tabuletas de argila, mármore, papiro, pergaminho, entre outros, que passaram a assumir esse papel.

No entanto, a escrita acarretou profundas modificações no papel da memória na transmissão do conhecimento. Le Goff (2013) observa que, no *Fedro* de Platão (filósofo grego da Antiguidade), a lenda do deus egípcio Thoth, inventor das letras (alfabeto), apresenta sua invenção ao rei Thamus, e temos a seguinte reflexão:

Fazendo isso, o deus transformou a memória, mas contribuiu, sem dúvida, mais para enfraquecê-la do que para desenvolvê-la: o alfabeto “engendrará esquecimento nas almas de quem o aprender: estas cessarão de exercitar a memória, porque, confiando no que está escrito, chamarão as coisas à mente, não já do seu próprio interior, mas do exterior, através de sinais estranhos. Tudo aquilo que encontraste não é uma receita para a memória, mas para trazer as coisas à mente” (PLATÃO, 275a *apud* LE GOFF, 2013, p. 433).

Thamus teria avaliado como problema a invenção de Thoth, o que atualmente é muito bem explicado por Pierre Nora (1993), historiador francês ou historiador da memória, como é conhecido, quando diz que houve o fim das sociedades-memórias, aquelas que asseguravam a conservação e a transmissão dos valores.

Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história (NORA, 1993, p. 8).

A ausência de rituais faz parecer que não há mais memória e levou à criação dos “lugares de memória” (arquivos, bibliotecas, museus, galerias e outros), conceito apresentado por Pierre Nora (1993) como uma estratégia e apreendido pelas sociedades para o problema da perda de memória e, conseqüentemente, de identidade dos grupos.

[...] Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas de aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões de eternidade. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma

sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos (NORA, 1993, p. 13).

Nora (1993) vê como problema a não naturalidade da memória, o fato de ela ser preservada por instrumentos externos que armazenam e dão sentido, evidenciando assim uma relação de poder que define o que deve ser mantido, perenizado e o que deve ser esquecido.

À medida que desaparece a memória natural, somos obrigados a acumular vestígios, documentos, artefatos etc. em lugares. Não existe mais um homem-memória como na Antiguidade, mas um “lugar de memória”. Os “lugares de memória” nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, bibliotecas, museus, galerias, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, entre outras ações (NORA, 1993, p. 13).

Para o senso comum, a memória está ligada ao passado, mas existem variadas definições de memória que podem ser apresentadas por diversas áreas do conhecimento por meio de conteúdos mais condensados que outros, dependendo da temática e da ciência ou da disciplina às quais estão relacionadas.

Se recorrermos a um dicionário de língua portuguesa, memória é a “[...] função geral de conservação da experiência anterior, que se manifesta por hábitos ou por lembranças; tomada de consciência do passado como tal; lembrança, monumento comemorativo; recordação [...]” (COSTA; MELO *apud* RIBEIRO, 2017, p. 111).

Nas ciências cognitivas e neurociências, áreas do campo de atuação da ABM, a memória é entendida como a “faculdade do cérebro que permite conservar e reproduzir conhecimentos anteriormente adquiridos” (RIBEIRO, 2017, p. 112).

Já na ciência da informação (CI), nosso campo de estudo, segundo Azevedo Netto e Dodebei (2017), a introdução do conceito de memória é uma apropriação relativamente recente. Atualmente a CI começa a incluir no seu arcabouço teórico e metodológico os estudos culturais que dão sustentação às investigações sobre a memória.

A ciência da informação, que se ocupava apenas com documentos científicos, passa a ter um interesse nos objetos produzidos no cotidiano das relações sociais: cartas, fotografias, filmes, esculturas religiosas, objetos *ex-votos*, tanto como peças únicas (memória individual) quanto na forma de coletâneas institucionalizadas (memória coletiva), o que vai implicar em estudar não mais e apenas o que acontece no

âmbito da informação científica, mas também nos mais variados contextos culturais de produção (AZEVEDO NETTO; DODEBEI, 2017, p. 55).

A título de exemplo, existe um crescimento em pesquisas na CI sobre os arquivos pessoais, mesmo de forma tímida, e especificamente sobre cartas de intelectuais conforme afirmam Dorea Filho, Duarte e Ramos (2017), em pesquisa apresentada no IV MEDINFOR, intitulada *A Epistolografia de Pedro Calmon: Arquivo Pessoal na Construção da Memória da Medicina na Bahia e no Brasil*. Tais pesquisas são importantes principalmente por contribuírem na compreensão dos diversos aspectos sociais de uma determinada época.

Nesse sentido, esses acervos podem materializar a compreensão da sociedade moderna, ou seja, são fontes de memória que, por muitas vezes, podem estar ocultas à sociedade, como foi o caso do trabalho supracitado, o estudo das cartas do médico e intelectual Pedro Calmon, que contribuiu com a memória da Medicina da Bahia e do Brasil, revelando muitos fatos que estavam ocultos para a comunidade.

O mesmo pode ser observado na Galeria de Presidentes da ABM; muito mais que retratos expostos como palco de homenagem, é sobretudo um conjunto informacional que revela a memória individual, coletiva e social da ABM e, conseqüentemente, da Medicina da Bahia e do Brasil.

3 METODOLOGIA

Estudos descritivos são mais adequados para esse tipo de pesquisa. Um exemplo é o estudo de opiniões e atitudes (GIL, 2007, p. 52). Este aspecto é um descritivo teórico cujo referencial explicativo é baseado na ciência da informação. Utilizamos como metodologia a pesquisa descritiva e bibliográfica, tentando demonstrar a importância das memórias corporificadas, comprovadas e registradas de personalidades com importância social e coletiva da Galeria de Presidentes da ABM.

4 GALERIA, ACERVO, FUNDO E COLEÇÃO

Acervo e coleção são termos correspondentes, usados praticamente como sinônimos no senso comum. Esses termos, entretanto, apresentam características específicas que justificam o uso separado em determinadas áreas do conhecimento. Ambos derivam do latim e significam um conjunto de coisas ou objetos. São termos usados predominantemente nas áreas de arquivologia, biblioteconomia e museologia.

Segundo o Dicionário Caldas Aulete (ACERVO, 2020, on-line), acervo é qualquer “conjunto de bens, de propriedade pública ou particular, que compõem patrimônio”; enquanto coleção, implica coesão entre os itens que a compõem. Coleção é, segundo essa publicação, “[...] um desses conjuntos, organizado, reunido pelo valor artístico, cultural, histórico, de seus componentes, ou por sua raridade, singularidade etc., ou pelo interesse do colecionador (coleção de selos, coleção de quadros).” (COLEÇÃO, 2020, on-line).

Acervo costuma designar um conjunto geral, com corpo mais amplo, muitas vezes constituído de vários documentos, que podem ser fundos e coleções. Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2005) fundo é o “conjunto de documentos de uma mesma proveniência” reunidos naturalmente e coleção é o “conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente”.

Já quanto à galeria são admitidos diversos conceitos que correspondem à sua definição. Conforme o Dicionário Caldas Aulete (AULETE, 2020, on-line), galeria significa “espaço amplo, às vezes de várias salas, preparado para exposição de obras de arte”. O significado que se aproxima da perspectiva do presente estudo é “[...] coleção de personagens famosos (galeria de heróis) ou de retratos de pessoas importantes para uma dada instituição (galeria dos diretores/dos comandantes)” (AULETE, 2020, on-line). É o caso, por exemplo, da Galeria de Presidentes da ABM.

4.1 A GALERIA DE PRESIDENTES DA ABM: LUGAR DE MEMÓRIA

Em setembro de 1997, a ABM inaugurou a Galeria de Presidentes, ainda em virtude da comemoração do seu Jubileu de Ouro (1992), criada para homenagear seus ex-presidentes; está localizada no primeiro andar do edifício sede da Associação na cidade do Salvador-Bahia. Em outubro de 2012, em virtude das comemorações dos 70 anos da ABM, a referida Galeria passou por reforma no seu projeto arquitetônico e expográfico. É composta atualmente por 25 retratos dos seus ex-presidentes, e afastado aproximadamente 50 cm dos demais, encontra-se o retrato do atual presidente, totalizando 26 retratos.

Ernane Gusmão e Pinho (2012), memorialista e membro da Diretoria em diversas gestões, considera a Galeria uma “justa homenagem àqueles que emprestaram seus esforços à direção da entidade”. A Galeria de Presidentes da ABM perpetua e valoriza os

líderes do passado e contribui como lugar de memória para a própria instituição, mas também para a memória da medicina na Bahia e no Brasil.

Vale destacar que, além da memória da medicina, segundo os estudos dos pesquisadores Armando Malheiro da Silva e por Zeny Duarte (2016), que estão no livro *Os Médicos e a Cultura em Portugal e na Bahia*, há uma contribuição enorme dos médicos para além da Medicina, como nas letras, nas artes, na política, e com os médicos dirigentes da ABM não foi diferente, por isso a Galeria de Presidentes da associação não pode ser estática e nem deve estar voltada a homenagens e à monumentalização do passado.

Deve-se agregar a este lugar de memória mais ou menos estático a prestação de serviços à comunidade e desenvolver no seu seio um fórum de reflexão sobre a instituição, ancorado no ferramental teórico e metodológico da pesquisa histórica e, enquanto acervo, reunir um conjunto de dados oriundos dos arquivos e da biblioteca da instituição e dos elementos dispersos que não foram documentados, conforme afirma Bellotto (2006, p. 274):

[...] a memória é um conjunto de informações e/ou documentos, orgânicos ou não. A memória é referenciadora, e não recolhedora ou armazenadora. Os documentos existem nos seus lugares, sem que tente reuni-los materialmente. Basta que a informação esteja captada, o objeto identificado, localizado e disponível para o pesquisador.

Diante desse quadro, para que os conjuntos informacionais gerados sobre os presidentes da ABM para a Galeria de Presidentes se constituam como lugar de memória pleno e dinâmico, devem estar aliados a outras informações não documentadas, como um depoimento ou uma poesia não registrada, e funcionarem de forma integrada por meio de sistemas únicos de informação e plataformas de difusão e acesso através das tecnologias da informação e comunicação (TIC).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se à conclusão que, sem dúvida, os médicos são colecionadores de memórias individuais, coletivas e sociais, lidam de perto com a vida, com a ciência, com as políticas públicas, e até mesmo com a cultura, ou seja, são fontes que não podem ser perdidas, e por isso chamam a atenção os acervos fragmentados e dispersos como solução importante, segundo Duarte e Silva (2016), e com o auxílio das TIC pode-se reconstituir virtualmente o que se fragmentou.

Portanto, fontes geradas e mantidas por uma sociedade transcendem naturezas funcionais e legais e alcançam um sentido testemunhal e transmutacional em dados de

memória. À vista disso, acervos, fundos e coleções possuem matérias-primas para a memória individual, social e coletiva, e a galeria como lugar de memória potencializa a difusão e o uso desses conjuntos informacionais.

REFERÊNCIAS

- ACERVO. *In*: AULETE, Caldas. Caldas Aulete Digital. Rio de Janeiro: Lexicon, [2020]. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/acervo>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- ARAUJO, Francisco de Assis Noberto Galdino de. **D4SiMem: uma proposta de digitalização para instituições de memória**. Natal: Edufrn, 2018. 245 p. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/26233>. Acesso em: 8 jul. 2019.
- ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro, 2005.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier; DODEBEI, Vera. Informação e memória. *In*: OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg (Orgs.). **Memória: interfaces no campo da informação**. Brasília: Editora UnB, 2017. 360 p.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.
- COLEÇÃO. *In*: AULETE, Caldas. Caldas Aulete Digital. Rio de Janeiro: Lexicon, [2020]. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/cole%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- DOREA FILHO, Herbet; DUARTE, Zeny; RAMOS, Tassila. A epistolografia de Pedro Calmon: arquivo pessoal na construção da memória da medicina na Bahia e no Brasil. *In*: MEDINFOR: A Medicina na Era da Informação, 4., 2017, Porto. **Anais [...]**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017.
- DUARTE, Zeny; SILVA, Armando Malheiro. **Os médicos e a cultura em Portugal e na Bahia: olhar(es) introspectivo e analítico sobre o modo de ser e de estar médico-cultural**. Salvador: EDUFBA, 2016.
- GALERIA. *In*: AULETE, Caldas. Caldas Aulete Digital. Rio de Janeiro: Lexicon, [2020]. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/galeria>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GUSMÃO, Ernane Nelson Antunes; PINHO, Álvaro Rubim de. **Associação Bahiana de Medicina: setenta anos de glórias (1942-2012)**. Salvador: Cian Gráfica e Editora, 2012.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. rev. Campinas: Unicamp, 2013.
- NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História, São Paulo, v. 10, 1993.
- RIBEIRO, Fernanda. Memória, Informação e Ciência da Informação. *In*: OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg (Orgs.). **Memória: interfaces no campo da informação**. Brasília: Editora UnB, 2017. 360 p.
- SILVA, Silvana Pereira da.; SILVA, Rita de Cássia Machado; SILVA, Sônia Maria Ferreira da. Informação médico-científica: iniciativa da Associação Bahiana de Medicina (ABM) em benefício da publicação científica de excelência. *In*: MEDINFOR: A Medicina na Era da Informação, 4., 2017, Porto. **Anais [...]**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017.

<p>Recebido/ Received: 18/08/2020 Aceito/ Accepted: 09/09/2020 Publicado/ Published: 25/10/2020</p>
